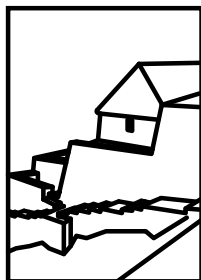


PRIMEIRA EDIÇÃO



As aventuras de Aulicha

CRÔNICAS NOS ANDES

FERNANDO PUJAICO RIVERA

LAVRAS/MG

2020

Copyright © 2020 Fernando Pujaico Rivera

Impresso no Brasil – ISBN: XXX-XX-XX-XXXXX-X

Publicado: Edição Independente

Primeira impressão: 2020

Diagramação: Fernando Pujaico Rivera

Revisão de texto: XXXXXX XXXXXX

Capa: Fernando Pujaico Rivera

Ficha catalográfica

Pujaico Rivera, Fernando, 1982.

As aventuras de Aulicha: Crônicas nos andes / Fernando Pujaico Rivera. – Lavras, Edição Independente, 2020.

20 p.: 14.8x21.0cm.

Inclui Bibliografia

ISBN: XXX-XX-XX-XXXXX-X

1. Conto infantil. 2. Conto peruano. 3. Literatura Latino-Americana. I. Título.

CDD: 028.5

CDU: 087.5

Agradecimentos

Dou muitas
graças a Deus, a meu pai Aurelio Pujaico Oscorima,
a minha mãe Flaviana Rivera Illanes e a meu irmão
Mariano Pujaico Rivera.

Prefácio

Nas próximas páginas, o leitor conhecerá um conjunto de histórias acontecidas na cordilheira dos andes no Peru, estas mostram algumas vivências do então criança Aurelio Pujaico Oscorima (Aulicha); agora conhecido como Don Aurelio.

Mediante suas palavras e seu particular olhar, poderemos entrar na vida e pequenas aventuras dos moradores da serra; conhecendo assim, seus problemas, suas alegrias e os ensinamentos que a vida lhes proporciona.

Sumário

Sumário	7
I Meu amigo Zandor	13
1 Zorra	15
2 Zandor	17

Introdução

No meu querido povo de Occo, lá na época da minha primeira década, eu vivia dividindo meu tempo entre o trabalho da chacra, meus jogos e os passeios nos serrados. Os trabalhos no campo, mesmo que pesados, eram possíveis de levar; dado que estes eram feitos com meus pais e irmãos.

Os dias na serra não transcorriam limpos de surpresas, pois de quando em quando, acontecia que alguma vaca ou ovelha se perdia; nesses casos, saíamos pelas ladeiras dos montes, gritando os nomes deles, até que escutávamos uma resposta, geralmente em forma de um lamento cheio de saudade. Esta tática era especialmente eficaz com meu burrinho, pois, ele conseguia escutar meu chamado desde outras montanhas; assim, quando eu gritava seu nome, ele voltava a mim, gritando e chorando, escolhendo seu caminho em função da direção da minha voz. Em outras ocasiões, percebíamos que desapareciam

animais pequenos como frangos ou porquinhos das índias; porém, após ver as evidências e fazer um trabalho detetivesco, descobríamos que sua ausência era devido à visita de algum falcão, zorro, ou gato de monte. Nesses casos, só podíamos chorar por eles; mas, eram poucas as vezes que perdíamos animais dessa forma, pois além das pessoas da casa, tínhamos animais como cachorros e gatos, que aumentavam nosso poder de vigilância.

Minha família não era rica, e talvez esse conceito fugisse do meu entendimento naquela época, mas, nada do que realmente me importava me faltava. Eu lembro que minha casa era uma cabana de um andar com teto de palha, minha mãe cozinhava sobre uma fogueira pequena, e meus irmãos e eu, certamente, usávamos com muita frequência roupa que, a simples vista, qualquer pessoa consideraria que eram várias medidas a menos. Porém, para mim, a minha casa era um castelo amplo e fresco donde ia a descansar após voltar da escola ou de trabalhar na chakra. A cozinha da minha mãe era a melhor, cheia de sabores obtidos dos mesmos produtos que cultivávamos ou cuidávamos; em dias especiais meu pai ia ao rio e comíamos peixe, outras vezes na época da seca comíamos carne de sol, e mais comumente alguma mistura de ovos de pato, ou galinha, dependendo da generosidade delas. Nas nossas refeições não podiam faltar o queijo e a leite, que tanto podiam ser

de cabra o de vaca, pois mesmo tendo só um par de cada, conseguiam abastecer á família. As sobremesas dependiam da estação do ano, pois as frutas como figos das índias, pêssego, figo, melão-andino, sanky, etc. Tinham sua temporada. Também tinham épocas para sobremesas elaboradas com milho fresco, e outras com chila-caiota; com este último minha mãe fazia meu mingau favorito; era inacreditável para mim como com só farinha, açúcar, canela, cravo e chila-caiota, podia ser construído um creme de semelhante majestade.

Meus irmãos e eu gostávamos de brincar juntos e sair a passear procurando frutas ou animais silvestres; e, em geral, não tínhamos discussões importantes. Meu irmão mais velho tinha um ótimo senso de humor, e costumava me perdoar, mesmo que eu tivesse feito alguma travessura; em verdade, a maioria das vezes, meus problemas eram com minhas irmãs mais novas, pois devo reconhecer que eu costumava fazer alguma maldade. Nesses casos, elas abriam uma reclamação com as máximas autoridades da casa, com os senhores que governavam e decidiam sobre o bem e o mal, é dizer, meus pais. Lembro que ao princípio meu pai me falava com frases como — Aurelio, você não deve esconder a boneca da sua irmã — se a coisa era mais grave ele me falava — Aule! Porque você colocou o grilo na cabeça da sua irmã? — e se minha insistência na procura de

problemas chegava a níveis perigosos para minha existência, meu pai falava — Aulichá! Porque você colocou pimenta na balinha da sua irmã? — Assim, quando eu escutava a meu pai me chamar de Aulichá, eu já sabia que minha sorte já tinha sido decidida e que uma chicotada estava próxima; a ideia de fugir passava sempre por minha cabeça, mas minhas experiências anteriores me indicavam que isso só ia me prejudicar mais, e ia resignado diante do meu pai; inclusive, em várias ocasiões, ele me pedia ir levando esse chicote de três pontas, pequeno e veloz, que era ao mesmo tempo, um velho conhecido e meu principal antagonista.

Parte I

MEU AMIGO ZANDOR

Capítulo 1

Zorra

Once upon a time there was a dear little girl who was loved by everyone who looked at her, but most of all by her grandmother, and there was nothing that she would not have given to the child. Once she gave her a little cap of red velvet, which suited her so well that she would never wear anything else; so she was always called ‘

Capítulo 2

Zandor

Hard by a great forest dwelt a poor wood-cutter with his wife and his two children. The boy was called Hansel and the girl Gretel. He had little to bite and to break, and once when great dearth fell on the land, he could no longer

Este livro foi produzido por Fernando Pujaico Rivera, editado e diagramado usando \LaTeX , com um tipo de fonte codificação: T1, família: LinuxLibertineT-TOf, série: m, e tamanho: 14.4 pt , para ser impresso num papel tamanho 14.8x21.0cm. Edição criada em agosto de 2020.